

APRESENTAÇÃO

O ritual como objeto privilegiado da reflexão antropológica e a busca etnográfica de seus significados são o ponto de encontro dos textos aqui coligidos, resultantes das trocas intelectuais cultivadas ao longo dos seminários do Laboratório de Análise Simbólica (2001, 2002, 2003 e 2005), realizados no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. No último desses encontros, os debates se organizaram em torno da sociabilidade festiva e lúdica dos ritos.

Toda teoria do ritual é uma teoria da cultura, tendo todo clássico da disciplina, de algum modo, percorrido o tema. A genealogia da noção de ritual se confunde, portanto, com a própria história da moderna antropologia e ocupa posição central na reflexão de muitos autores.¹ No âmbito dessa tradição, a dimensão simbólica da experiência humana é percebida como algo irredutível às dimensões ecológicas, psicológicas, sociais, econômicas e políticas, e escapa tanto das “concepções estratigráficas da cultura”, criticadas por Clifford Geertz (1973a), quanto da “razão prática”, analisada por Marshall Sahlins (1976), ainda que ambas venham obcecando os cientistas sociais. Ritos são, antes de tudo, constitutivos das diversas formas da vida social e não se limitam à condição de serem “expressões” destas ou de nelas desempenharem “funções” sociais ou políticas. Como sintetizou a antropóloga Mary Douglas (1966), na condição de animal social, o homem é um animal ritual.

Na antropologia brasileira, ocupam lugar de destaque os estudos pioneiros empreendidos por Roberto DaMatta (1973, 1979), para quem os ritos “inventam” a vida social, representando uma dimensão eminentemente criativa e reflexiva.

¹ James Frazer (1890), Émile Durkheim (1912), Radcliffe-Brown (1922), Bronislaw Malinowski (1926), Evans-Pritchard (1937), Edmund Leach (1954), Gregory Bateson (1958), Mary Douglas (1966), Victor Turner (1967), Stanley Tambiah (1970), Clifford Geertz (1973a), Roberto DaMatta (1979) e Valério Valeri (1985), entre tantos outros.

Vale lembrar os desdobramentos teóricos que o tema suscita (Peirano, 2001), a atenção que os historiadores têm devotado ao estudo das festas (Abreu, 1999; Jancsó & Kantor, 2001) e o crescente interesse pelo estudo de dramas e performances compartilhado por antropólogos, folcloristas, músicos, dramaturgos, estudiosos da linguagem e pesquisadores da cultura de modo geral (Turner, 1982a, 1987; Bauman, 1978, 1992; Schechner, 1985).

Não é nossa pretensão mapear esse campo de estudos amplo e de contornos fluidos, e muito menos alinharmos-nos a uma ou outra de suas muitas vertentes. O universo de conhecimentos e debates atuais é vasto e o campo semântico da noção de ritual transita entre inúmeras acepções, muitas vezes complementares. Nossa opção, em vez disso, é explorar a rentabilidade analítica da noção de ritual, a partir do exame etnográfico de experiências culturais diversas. Ao tomar como base suas definições clássicas, exploramos a densidade e os limites da noção de ritual, à medida que nos expomos à sua variação etnográfica.

Na diversidade de temas, estilos e enfoques, o diálogo contém alguns pressupostos teóricos básicos. Todos os autores aqui presentes consideram que a dimensão simbólica do comportamento humano não apenas é essencial e totalizadora da vida social, como também se impõe como condição *sine qua non* para o entendimento de diferentes experiências humanas. Além disso, cada um dos textos, partindo do estudo comparativo das categorias de pensamento, empreende, a seu modo, um movimento constante e de mão dupla entre as categorias nativas e aquelas do pesquisador que parecem caracterizar a reflexão antropológica (Durkheim & Mauss, 1903; Mauss, 1923; Lévi-Strauss, 1962). Por fim, entendem-se a festa, o jogo, o riso e as brincadeiras como manifestações inscritas no universo teórico do estudo dos rituais (Valeri, 1994a). Trata-se sempre de expressões nítidas e sintéticas da natureza intrinsecamente simbólica do comportamento humano.

Abrem nosso cortejo as festas do Divino de imigrantes açorianos, analisadas em perspectiva transcultural por José Reginaldo Santos Gonçalves e Marcia Contins. O exame das categorias de pensamento utilizadas pelos imigrantes na reflexão *em* e *sobre* a organização da própria experiência é o fio condutor da análise etnográfica. São promessas, preces, procissões e comensalidades que instauram tempos e espaços prenhes de dimensões morais e cósmicas, nas quais a “honra” conquistada por homens e mulheres no plano terreno se transforma em “graça” concedida pelo Divino.

Em seguida, abordam-se os festejos das tabancas de Cabo Verde. Wilson Trajano Filho nos guia em sugestiva interpretação da “ronda da tabanca”, uma formação animada que sai de sua comunidade rumo à residência do “rei de agasalho”. Com riqueza etnográfica e inspiração nas noções de enquadramento e moldura de

Erving Goffman, o autor examina a “lei da tabanca” que perpassa os diferentes contextos comunicativos, entre os quais flutuam significados diversos e sutis que não do aprender a ensaiar, divertir, mascarar, fantasiar, caricaturar, venerar ou transacionar.

Atravessando o mar e o tempo, Renata Gonçalves propõe um exame inovador dos ranchos carnavalescos do Rio de Janeiro no início do século xx. Em cuidadosa leitura etnográfica dos jornais da época e das narrativas de cronistas, a análise dos percursos e problemas vividos pelos ranchos de então lança luz sobre uma cidade que, em pleno processo de transformação social, começava a perceber-se mais diversa e fragmentada.

Passa-se, então, à vez dos folguedos. Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti examina as múltiplas dimensões e imagens do tempo presentes nas narrativas do “auto” do boi, compreendidas como narrativas de origem do folguedo. O exercício crítico desarticula imagens ideológicas presentes na literatura disponível, associadas ao folclore e, em especial, ao bumba-meu-boi. Por esse viés, a revelação da natureza mítica de tais narrativas no contexto orgânico das brincadeiras do boi provê nova compreensão das relações entre mito e rito.

Luciana Carvalho prossegue com o exame das tradições cômicas do boi do Maranhão, enfocando um conjunto de performances encontradas na região da baixada maranhense, em que uma rede de velhos palhaços, especializados em montar comédias, subverte a visão habitual da brincadeira. As ações ritualizadas dos cômicos – intérpretes e autores das comédias – são vistas como um meta-comentário social, ao passo que a noção de performance ilumina o jogo entre os aspectos da criatividade individual dos palhaços e as tradições e convenções do folguedo.

Gilmar Rocha, por sua vez, apresenta o mundo do circo sob a perspectiva do “fazer a praça”. Tudo se inicia com a chegada a uma nova cidade e a montagem da estrutura arquitetônica que propicia o espaço em que o circo exerce sua função tanto espetacular quanto crítica. Como o autor nos mostra de forma sensível, essas atividades, longe de serem atos mecânicos e repetitivos que constituem uma rotina de vida, estão carregadas de significação simbólica e ritual. Com o auxílio de belo ensaio fotográfico, revelam-se a organização social desse universo e os modos de percepção espacial e temporal do circense, profundamente marcados pela experiência das viagens.

Ao eleger o riso como guia, Els Lagrou nos conduz a uma incursão pelos meandros de um enfoque antropológico do humor grotesco, cuja base é a cosmologia ameríndia dos Kaxinawa. Em sua análise, nossos horizontes comparativos se ampliam com a associação, a um só tempo séria e divertida, entre o riso e o divino. A discussão do lugar do riso grotesco de pantomimas e mitos, e

do humor crítico de narrativas cômicas revela uma moral que é também lúcida reflexão sobre a pessoalidade, de um lado, e a sociabilidade, de outro.

Márnio Teixeira Pinto analisa o sentido do disfarce ritual entre os Arara, valendo-se do jogo simbólico travado por ocasião da volta dos caçadores à aldeia e de sua recepção pelos aldeãos anfitriões. O ruidoso ataque simulado pelos caçadores que retornam é recebido com generosas doses de cerveja de macaxeira, por meio das quais se restabelece a condição propriamente humana de ambos os grupos. A pantomima ritual, que inclui travestimento, pinturas, uma pequena flauta, canto e dança, evoca paisagens míticas repletas de inflexões filosóficas, e sua análise nos leva a um fértil questionamento dos modos como mito e rito se estabelecem.

Por fim, Marco Antônio Gonçalves, ao examinar o clássico filme *Os mestres loucos*, de Jean Rouch, brinda-nos com um rico exercício de crítica cultural. Na decupagem analítica desse filme-ritual, desvendam-se, de maneira gradual, múltiplos planos de sentido. Como argumenta o autor, o filme sobre certo rito de possessão praticado entre os migrantes Songhay do Níger que residem em Accra, capital de Gana, é também uma crítica do colonialismo, a tangenciar os limites entre a perspectiva etnográfica e a proposta estética surrealista.

Os nove textos aqui reunidos, portanto, não só elegem a análise de ritos que envolvem, de modo marcante, alegria, beleza e criatividade, como também apreendem o lúdico, o estético e o cosmológico em abordagem etnográfica e compreensiva. Com festas, cortejos, ranchos, procissões, “matanças”, desfiles, performances, narrativas, circos, filmes etnográficos, disfarces e riso grotesco, explora-se uma pluralidade de enfoques que se diferenciam e se matizam, a partir de um solo conceitual comum. Os perfis semânticos da categoria ritual e o horizonte dos problemas abarcados pelas opções analíticas e etnográficas variam segundo as descrições, estilos pessoais e opções analíticas empreendidas na escrita de cada um dos autores, ao mesmo tempo que seu conjunto configura um convite à reflexão sobre as possibilidades analíticas oferecidas por essa perspectiva de estudos.

Gostaríamos, por fim, de registrar nossos agradecimentos aos participantes dos seminários dos Laboratórios de Análise Simbólica, pela oportunidade de diálogo e pelas muitas sugestões e críticas recebidas, ao Departamento de Antropologia Cultural e ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, pelo estímulo e apoios constantes, e ao CNPq, por ter viabilizado a edição deste livro.

Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti
José Reginaldo Santos Gonçalves